

Mitch Albom

Autor de *As cinco pessoas que você encontra no céu*

O pequeno mentiroso

Uma verdade que devastou milhares de vidas.

Uma vida inteira em busca de redenção.



Não são suas lembranças que o assombram.

Não é o que você escreveu.

É o que você esqueceu, o que você deve esquecer.

O que deve continuar esquecendo pelo resto da vida.

– JAMES FENTON, “Um réquiem alemão”

Tudo vai mudar, tudo menos a verdade.

– LUCINDA WILLIAMS

PARTÉ I

1943

– Mentira.

A voz do homem grandalhão era grave e rouca. Alguém sussurrou:

- O que é mentira?
- O lugar pra onde a gente vai.
- Estão levando a gente pro norte.
- Estão levando a gente pra morte.
- Isso não é verdade!
- É verdade, sim – disse o grandalhão. – Vão nos matar assim que chegarmos lá.

– Não! Vamos ser reassentados! Em casas novas! Você ouviu o garoto na plataforma!

- Em casas novas! – acrescentou outra voz.
- Não existem casas novas – insistiu o grandalhão.

O guincho das rodas do trem silenciou a conversa. O grandalhão examinou a grade de metal que cobria a única janela daquele vagão sem luz, feito para transportar gado, e não seres humanos. Não havia bancos. Não havia comida nem água. Quase cem pessoas se apinhavam ali dentro, como um sólido bloco de seres humanos. Velhos de terno. Crianças de pijama. Uma jovem mãe apertando um bebê contra o peito. Só uma pessoa estava sentada, uma adolescente com o vestido cobrindo um balde de lata que os passageiros receberam para se aliviar. Ela escondia o rosto com as mãos.

O grandalhão tinha visto o suficiente. Ele enxugou o suor da testa e abriu caminho entre as pessoas, indo em direção à janela.

- Ei!
- Cuidado aí!
- Aonde você vai?

Então ele chegou até a grade e enfiou seus grossos dedos nos buracos. Grunhiu alto. Com o rosto se contorcendo, começou a puxar.

Todo mundo no vagão ficou em silêncio. *O que ele está fazendo? E se os guardas vierem?* No canto, um garoto franzino chamado Sebastian estava encostado na parede, observando tudo aquilo. A seu lado estava a maior parte de sua família: a mãe, o pai, os avós e as duas irmãs mais novas. No entanto, quando ele viu o homem puxando a grade da janela, seu foco se voltou para uma garota magra de cabelo castanho-escuro que estava ali perto.

Seu nome era Fannie. Antes de todos os problemas começarem, antes dos tanques, dos soldados, dos cachorros latindo, das batidas à porta no meio da noite e da captura de todos os judeus em Salônica, sua cidade natal, Sebastian acreditava que amava aquela garota, se é que existe essa coisa de amor quando você tem 14 anos.

Ele nunca havia contado isso para ela nem para ninguém. Porém ali, por algum motivo, sentiu-se inflamado por aquele sentimento, então voltou sua atenção para ela enquanto o grandalhão sacudia a grade até soltá-la da parede. Com um último puxão forte, o homem a arrancou e deixou cair. O ar entrou com força pelo retângulo aberto, deixando um céu de primavera visível para todos.

O homenzarrão não perdeu tempo. Tentou atravessar o buraco, mas a abertura era pequena demais. Sua cintura grossa não passava.

Então ele desceu de volta, xingando. Um murmúrio atravessou o vagão.

- Alguém menor – disse uma voz.

Pais apertaram os filhos. Por um momento ninguém se mexeu. Sebastian fechou os olhos com força e respirou fundo. Em seguida, pegou Fannie pelos ombros e a empurrou.

- Ela cabe.
- Sebastian, não! – gritou Fannie.
- Onde estão os pais dela? – alguém perguntou.
- Mortos – outro respondeu.
- Venha, menina.
- Depressa, garota!

Os passageiros empurraram Fannie através do amontoado de corpos, tocando suas costas como se carimbassem desejos. Ela chegou ao grandalhão, que a levantou até a janela.

– Primeiro as pernas – instruiu ele. – Quando bater no chão, dobre o corpo e role para longe.

- Espera...
- Não podemos esperar! Você precisa ir agora!

Fannie se virou em direção a Sebastian, que estava com os olhos cheios de lágrimas. *Vou encontrar você de novo*, disse ele, somente para si mesmo. Um homem barbudo, que antes fazia orações em voz baixa, se adiantou e sussurrou no ouvido dela:

– Seja uma boa pessoa. Conte ao mundo o que aconteceu aqui.

A boca de Fannie começou a formar uma pergunta. Porém, antes que ela pudesse falar, o grandalhão a empurrou pela abertura e ela se foi.

O vento soprou forte pela janela. Por um instante os passageiros ficaram paralisados, como se esperassem que a menina voltasse se arrastando. Quando perceberam que isso não aconteceu, começaram a se empurrar. Ondas de esperança percorreram o vagão. *Podemos sair! Podemos ir embora!* As pessoas se espremiam umas contra as outras.

E então...

POU! Um tiro, seguido de vários outros. Enquanto os freios do trem guinchavam, os passageiros se apressaram para recolocar a grade na janela. Em vão, porque ela não se firmava no lugar. Quando o vagão parou, a porta se abriu. Um oficial alemão, um sujeito baixo, estava parado sob a luz ofuscante do sol, empunhando sua pistola.

– ALTO! – gritou ele.

Sebastian viu as mãos se afastarem da janela como folhas mortas caindo de um galho sacudido. Ele olhou para o oficial, olhou para os passageiros, olhou para a adolescente chorando em cima do balde de excrementos e soube que a última esperança tinha acabado de morrer. Então ele xingou o único membro faltante de sua família, seu irmão mais novo, Nico, e jurou que um dia iria encontrá-lo e o faria pagar por tudo – e que nunca, jamais, o perdoaria.

Permita-me dizer quem sou

Pode acreditar na história que vou contar. Pode acreditar porque sou eu quem a conta, e eu sou a única coisa em que você pode confiar neste mundo.

Alguns diriam que você pode confiar na natureza, mas eu discordo. A natureza é volúvel: espécies prosperam e depois desaparecem. Outros sugerem que você pode confiar na fé. E eu pergunto: o que é a fé?

E quanto aos seres humanos? Bem... Os humanos são confiáveis apenas para cuidar de si mesmos. Quando ameaçados, são capazes de destruir qualquer coisa, especialmente a mim, para sobreviver.

Porém, eu sou a sombra da qual você não pode fugir, o espelho que guarda seu último reflexo. Você pode se desviar do meu olhar durante todos os seus dias na terra, mas eu lhe garanto: sou eu quem olha por último.

Eu sou a Verdade.

E esta é uma história sobre um garoto que tentou me enganar.

Por anos ele se escondeu, durante e após o Holocausto, mudando de nome, de vida. Mas ele deveria saber que eu o encontraria no fim das contas.

Quem, melhor do que eu, seria capaz de identificar um pequeno mentiroso?

“Que menino lindo!”

Vou apresentá-lo do jeito que ele era antes de todas as mentiras começarem. Fique olhando para esta página até seus olhos se desviarem para as ruas de Salônica – também conhecida como Tessalônica –, na Grécia, uma cidade perto do mar Egeu, que remonta a 300 a.C. Lá, as ruínas de antigas casas de banho se misturam com bondes e carroças puxadas a cavalo, o mercado de azeite é movimentado e os vendedores nas ruas oferecem frutas, peixes e temperos vindos dos barcos que chegam pela manhã no porto. E ali está ele, o pequeno Nico Krispis.

O ano é 1936. O sol de verão esquenta as pedras do calçamento perto da famosa Torre Branca, uma fortaleza do século XV construída para proteger o litoral da cidade. Num parque ali perto, crianças gritam felizes durante a *abariza*, jogo em que dois times perseguem um ao outro para aprisionar os adversários em quadrados de giz desenhados no chão. Quem for pego deve ficar preso dentro do quadrado até ser “libertado” por um colega de time.

Nico Krispis é o último que resta do seu time. Está sendo perseguido por um garoto mais velho chamado Giorgos. As crianças já presas gritam “Cuidado, Nico!” sempre que Giorgos chega perto demais.

Nico ri. Ele é rápido para sua idade. Dispara até um poste de luz, apoia-se nele e em seguida gira o corpo, lançando-se como um estilingue. Giorgos balança os braços. Agora é uma corrida. O dedão do pé de Nico toca a borda do quadrado de giz no exato instante em que o garoto mais velho dá um tapa no seu ombro.

– *Abariza!* – grita Nico, enquanto as crianças se espalham. – *Liberté!* Liberdade!

– Não, não! Eu te peguei, Nico! – declara Giorgos. – Eu encostei a mão antes de você pisar no quadrado!

As crianças ficam imóveis como estátuas e se viram para Nico. E agora? Nico olha para a própria sandália. E olha para Giorgos.

– Está certo – diz. – Ele me pegou.

Seus colegas de time resmungam e se afastam.

– Ah, Nico – lamenta um deles –, por que você sempre precisa dizer a verdade?

Eu sei por quê.

Sempre consigo identificar um admirador.

—

Bem, talvez você esteja se perguntando: por que esse menino? O que ele tem de tão interessante? Não existem bilhões de vidas cuja história a Verdade poderia contar, desnudando os relatos íntimos do tempo que elas passaram no mundo?

A resposta é sim. Mas com Nico eu lhe ofereço uma história importante, que até agora nunca foi contada. Tem a ver com enganos, grandes enganos, mas também com uma grande verdade, e com sofrimento, guerra, família, vingança e amor – um amor que é testado repetidamente. E, antes que a história termine, há até um momento mágico entrelaçado em uma tapeçaria infinita de fragilidade humana.

Quando eu terminar o relato, talvez você o defina como impossível. Mas veja que engraçado o que se passa com a verdade: quanto mais inverossímil uma coisa é, mais as pessoas querem acreditar nela.

Então considere isto sobre Nico Krispis:

Até os 11 anos, ele jamais disse uma mentira.

Isso faz com que uma pessoa se destaque, pelo menos para mim. Se Nico pegasse um pão doce na cozinha, ele admitiria no instante em que fosse questionado. Se sua mãe perguntasse: “Está cansado, Nico?”, ele confessava que sim, mesmo que isso o fizesse ter que ir para a cama mais cedo.

Na escola, se Nico não soubesse a resposta para a pergunta de um professor, dizia espontaneamente que não havia feito o dever de casa. Os outros alunos riam de sua honestidade. No entanto, o avô de Nico, Lazarre, que o menino adorava, lhe ensinara desde cedo esse valor precioso. Certo dia, quando Nico tinha apenas 5 anos, os dois estavam sentados perto do porto, contemplando o majestoso monte Olimpo do outro lado do golfo:

– Meu amigo falou que os deuses moram lá em cima – disse Nico.

– Só existe um Deus, Nico. E ele não mora numa montanha.

Nico franziu a testa.

– Então por que meu amigo disse isso?

– As pessoas dizem muitas coisas. Algumas são verdades, algumas são mentiras. E às vezes, se você contar uma mentira por muito tempo, as pessoas vão acreditar que é verdade. Jamais conte mentiras, Nico.

– Não vou contar, Nano.

– Deus está sempre olhando.

Três informações sobre Nico Krispis:

- 1. Ele tinha uma facilidade incrível para aprender línguas.**
- 2. Ele era capaz de desenhar quase qualquer coisa.**
- 3. Ele era uma criança bonita.**

A terceira característica vai se revelar importante à medida que continuarmos essa história. Nico foi abençoado com as melhores feições de seu alto e musculoso pai, um comerciante de tabaco, e de sua mãe, uma mulher loira que trabalhava como voluntária num teatro da cidade com a esperança de subir ao palco. Eu não credito nenhuma consequência à aparência de alguém, mas posso garantir que a Verdade amplificará qualquer característica com a qual você tenha nascido.

Eu tenho uma expressão.

Nico carregava essa expressão num rosto tão agradável que até os estranhos paravam para admirá-lo.

– Que criança linda! – diziam, tocando suas bochechas ou seu queixo.

Às vezes acrescentavam:

– Nem parece judeu.

Durante a guerra, isso também seria significativo.

Porém o que mais atraía os estranhos, além do cabelo loiro ondulado, dos olhos azuis brilhantes ou dos lábios volumosos que se abriam sobre dentes muito brancos, era seu coração puro. Não havia malícia nele.

Era um garoto em quem se podia acreditar.

Com o tempo, as pessoas do seu bairro começaram a chamá-lo de Chioni – “neve” em grego –, porque ele parecia imaculado, intocado pela sujeira terrena. Como eu poderia não notar uma criatura assim? Num mundo cheio de mentiras, a honestidade reluz como ouro.

CONHEÇA OS TÍTULOS DE MITCH ALBOM

FICÇÃO

As cinco pessoas que você encontra no céu
A próxima pessoa que você encontra no céu
As cordas mágicas
O primeiro telefonema do céu
O guardião do tempo
Por mais um dia
O estranho que veio do mar
O pequeno mentiroso

NÃO FICÇÃO

A última grande lição
Tenha um pouco de fé
Um milagre chamado Chika

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

